

Problematizando o discurso pedagógico inclusivo: estratégias do poder disciplinar em análise

Problematizando el discurso pedagógico inclusivo: estrategia del poder disciplinar en analize

Suzana Mattos da Rosa¹

Bárbara Hees Garré²

Resumo

O trabalho aqui apresentado é um recorte de uma pesquisa mais ampla que objetiva analisar alguns ditos sobre inclusão escolar, problematizando a máxima “todos na escola”. Analisando a coletânea de livros infantis *Ciranda das Diferenças*, que aborda diferentes deficiências, se problematiza quais verdades o discurso pedagógico inclusivo vem materializando na contemporaneidade. A análise se situa em compreender as formas de normalização que reverberam num sujeito regulado, controlado e conduzido na sociedade do biopoder (Foucault, 2010). Entende-se que algumas práticas pedagógicas e certos procedimentos didáticos determinam os modos de agir dos sujeitos presentes na escola. Através do material empírico da pesquisa, problematiza-se o discurso pedagógico inclusivo apresentando algumas percepções em torno das enunciações da literatura infantil. O estudo trabalha com conceitos importantes do pensamento foucaultiano, tais como: norma, sociedade de normalização, poder disciplinar e biopoder. Compreende-se que o discurso inclusivo efetiva-se a partir de concepções e princípios que disciplinam, controlam, vigiam e regulam a vida dos sujeitos portadores de deficiência. Nessa correnteza vale ressaltar que a investigação aqui apresentada não tem como objetivo comunicar resultados e, muito menos, ser propositiva. O foco se situa em provocar tensionamentos sobre alguns ditos que tratam da inclusão escolar e do olhar sobre a deficiência.

Palavras chaves: discurso pedagógico inclusivo- sociedade de normalização – poder disciplinar

Resumen

El trabajo aquí presentado es un recorte de una investigación más amplia que objetiva analizar algunos dichos sobre inclusión escolar, problematizando la máxima “todos en la escuela”. Analizando la selección de libros infantiles Ronda de las Diferencias, que aborda diferentes deficiencias, se problematiza cuáles verdades el discurso pedagógico inclusivo viene materializando en la contemporaneidad. El análisis se sitúa en comprender las formas de normalización que reverberan en un sujeto regulado, controlado y conducido en la sociedad del biopoder (Foucault, 2010). Se entiende que algunas prácticas pedagógicas y ciertos procedimientos didáticos determinan los modos de actuar de los sujetos presentes en la escuela. A través del material empírico de la investigación, se problematiza el discurso pedagógico inclusivo presentando algunas percepciones acerca de las enunciaciones de la literatura infantil. El estudio trabaja con conceptos importantes del pensamiento foucaultiano, tales como: norma, sociedad de normalización, poder disciplinar y biopoder. Se entiende que el discurso inclusivo se efectiva a partir de concepciones y principios que disciplinan, controlan, vigilan y regulan la vida de los sujetos portadores de deficiencia. En esa corriente vale resaltar que la investigación aquí presentada no tiene como objetivo comunicar resultados y, mucho menos, ser propositiva. En enfoque se sitúa en provocar tensiones sobre algunos dichos que tratan de la inclusión escolar y de la mirada sobre la deficiencia.

¹ Mestranda do Curso de Mestrado em Educação e Tecnologia do IFSUL Câmpus Pelotas. Professora e psicopedagoga escolar da rede municipal de ensino da rede pública municipal de Pelotas. Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Juventude e Subjetividade (GEEJS). suzirosa@hotmail.com

² Professora do Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do IFSUL Câmpus Pelotas. Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Líder do Grupo de Pesquisa Educação, Juventude e Subjetividade (GEEJS) e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia (GEECAF). barbaragarre@gmail.com

Palabras clave: discurso pedagógico inclusivo - sociedad de normalización - poder disciplinar

Contextualizando o estudo

O resumo aqui apresentado é um recorte de uma pesquisa de mestrado, que tem como foco de estudo analisar o discurso pedagógico inclusivo que se efetiva na contemporaneidade. Trazemos aqui algumas análises das enunciações e discursividades das histórias contadas na coletânea de livros infantis *Ciranda das Diferenças*, problematizando de que modo vem materializando-se o discurso da inclusão. Nosso foco de estudo se dá a partir de um artefato pedagógico, pois muitas são as formas legais, teóricas e metodológicas sobre inclusão escolar para as quais tem-se voltado o olhar nos últimos anos, porém nesta pesquisa, pretendemos problematizar como vem acontecendo a projeção do discurso inclusivo a partir de um material didático, de literatura infantil, que hoje encontramos facilmente nos espaços de venda de livros infantis, na internet e principalmente nos espaços escolares como as bibliotecas, as Salas de Recursos Multifuncionais e nos recantos de leitura nas salas de aula. A potencialidade do material é reconhecida, pois não se limita a um único espaço e sim se potencializa na medida em que alcança diferentes espaços e possibilidades de acesso.

Ao mapear as enunciações que tornam potentes os modos de efetivação do discurso pedagógico inclusivo queremos, provocar o pensamento a partir da seguinte questão: Que efeitos são produzidos, a partir das histórias infantis e que são naturalizados através do discurso pedagógico inclusivo da contemporaneidade? Passemos as discussões, onde traremos alguns achados de pesquisa atravessados pela teorização foucaultiana. Nesta discussão, nos dedicaremos a enfatizar o quanto o olhar do discurso pedagógico inclusivo ainda volta-se a um desejo de normalizar, de corrigir e atribuir espaço aos sujeitos deficientes na contemporaneidade.

Como mencionamos acima o *corpus* de análise deste estudo nomeia-se por “Ciranda das Diferenças” e é composto por vinte livros de literatura infantil, protagonizados por animais que são portadores de deficiências. Os procedimentos de pesquisa se deram a partir da análise cuidadosa das enunciações que compõe o material e suas discursividades. A perspectiva pós-estruturalista que traz o fundamento teórico a este trabalho também encaminha as escolhas metodológicas, e ambas são pautadas pelas contribuições do filósofo francês Michel Foucault.

Por se tratar de um olhar fundamentado nas ferramentas foucaultianas, é importante entendermos que “o discurso não é interrogado pelo lado do seu sentido, mas pelo lado da sua função ou da sua intenção” (EWALD, 1993, p. 24). É justamente esta ótica foucaultiana sobre discurso que encaminha essa investigação e fundamenta o modo com que problematizaremos o discurso pedagógico a partir das enunciações extraídas das histórias em análise. Enunciações estas que atravessam a formação dos alunos e proliferam verdades que acabam tornando-se únicas e, muitas vezes, incontestáveis.

A perspectiva foucaultiana em muito nos ajuda a entender que a verdade é algo construído e neste momento de estudo desejamos questioná-la não na intenção de contrariá-la, mas sim de fazer resistência ao processo de inclusão escolar defendido pelo discurso pedagógico vigente. Ao decidirmos escolher um artefato didático como material de análise, nosso desejo é problematizar como tem se efetivado o discurso pedagógico inclusivo, pois é possível que ele esteja servindo mais as práticas de segregação e de atribuição de lugares fixos para cada um na sociedade do que compreendendo a diferença pela diferença.

Ao optarmos por um referencial teórico foucaultiano para problematizar as estratégias de inclusão escolar da contemporaneidade faz-se necessário que busquemos entender como o

filósofo trata dos estudos psicopatológicos, responsáveis por toda a compreensão do conceito de anormalidade e que contribuíram para a criação de “toda uma série de mecanismos de vigilância e distribuição” (Foucault, 2001, p. 413). No referido curso, *Os anormais* (1974-1975) Foucault localiza em três figuras os sujeitos tidos como amedrontadores da sociedade do fim do século XIX, são elas: o monstro, o incorrigível e o onanista. Ele define assim o sujeito a ser corrigido

o incorrigível, na medida em que é incorrigível, requer um certo número de intervenções específicas em torno de si, de sobreintervenções em relação às técnicas familiares e corriqueiras de educação e correção, isto é, uma nova tecnologia de reeducação, da sobrecorreção. (FOUCAULT, 2001, p.73).

Ao caracterizar o sujeito incorrigível o filósofo problematiza o papel das instituições (família, escola, igreja, quartel e etc) que segundo ele, buscam estratégias para adaptação das condutas dos incorrigíveis, dos anormais, sujeitos que a Modernidade vem cada vez mais tratando de multiplicar e que, segundo Veiga Neto, são: “os sindrômicos, deficientes, monstros e psicopatas (em todas as suas variadas tipologias), os surdos, os cegos, os aleijados, os rebeldes, os pouco inteligentes, os estranhos, os GLS, os “outros”, os miseráveis, o refugio enfim”. [grifo do autor] (2011, p. 105).

Mais do que localizar o nosso tempo como moderno ou não, desejamos para fins desta problematização, buscar de Baumann a ideia de que vivemos uma *existência moderna* (1999, p.14) ao nos ocuparmos da criação e propagação de muitos processos de ordenamento vividos na contemporaneidade e, por conta de um olhar mais atento em torno destes processos, é que olhamos para a instituição escolar, na qual ainda há diversas intervenções que visam a correção dos comportamentos dos alunos e a disciplinarização dos corpos, cuidando de preparar o sujeito para a vida em sociedade.

Na esteira do que viemos discutindo aqui, percebemos a escola como uma das instituições que vai corrigir os sujeitos anormais (e também os normais) a partir das suas estratégias de ordenamento. Sabemos do impacto que podemos estar causando com tamanha franqueza, com a qual percebemos alguns procedimentos da escola atual num contexto contemporâneo, mas com isso não pretendemos contrariar o discurso pedagógico vigente e sim fomentar pequenas possibilidades de resistência, reinventando saídas e rotas, evitando que ideias tornem-se engessadas.

Os outros que desejamos problematizar são os sujeitos que Foucault caracterizou como os incorrigíveis e que Veiga-Neto enfatizou trazendo a esta caracterização todos os sujeitos deficientes, os anormais. Atribuímos aos sujeitos deficientes a condição de anormalidade pode também parecer um pouco cruel, porém no atravessamento com a teoria por nós escolhida e no enfrentamento com as enunciações e as discursividades por elas inventadas e naturalizadas, entendemos que a deficiência é percebida ainda como anormalidade pelo carácter corretivo a que são submetidos os sujeitos anormais nas diferentes instituições. Embora ninguém diga que os deficientes são sujeitos anormais e que suas condutas precisam ser corrigidas, as formas como temos nos portado como sociedade é de fazer deles sujeitos a corrigir. E tal certeza nos é percebida principalmente pelas formas de materialização de um discurso pedagógico inclusivo que ainda efetiva-se na correção dos comportamentos, das condutas e dos modos de percepção do que é normal e anormal, servindo assim a um processo de ordenamento que entendemos estar adequado a lógica da sociedade de normalização (FOUCAULT, 2016).

As balizas dadas até aqui servem para dar visibilidade ao modo como fomos nos aproximando de alguns pensamentos de Foucault, que sustentam teórica e metodologicamente este estudo, a seguir faremos uma pequena exemplificação de como ao utilizarmos da análise das enunciações fomos problematizando a verdade hegemônica da escola para todos.

Neste trabalho as análises são realizadas em diálogo textual com as problematizações e com o aprofundamento das percepções teóricas. Faremos algumas relações que não são estanques e que, dependendo do olhar de quem as analisa, estarão propiciando novos cruzamentos e novas associações. Trazemos neste momento algumas das enunciações para as quais nosso olhar volta-se e nas quais percebemos fortes marcas de um poder disciplinar presente na escola.

Fernandinha resolveu fazer treino de fala com Fred e ficava horas ao lado da gaiola tentando fazer Fred falar sem gaguejar. Mas seu trabalho era em vão. (livro 1) [grifos nossos]

Às vezes, tinha que estudar um pouco mais do que suas colegas, mas preguiça era uma palavra que Heloísa não conhecia. (livro 4) [grifos nossos]

Dona Catita recebeu todas as informações de como deveria cuidar e estimular Patrícia (livro 5) [grifos nossos] Tinha vontade de encher seu caderno novo de lições preciosas[...] porém, quando Geraldo olhava para a lousa, percebia que todas as letras se embaralhavam e ele não conseguia entender onde começava a frase ou onde ela terminava. Geraldo resolveu que ia copiar mesmo com tanta confusão entre as letras, mas logo reparou que para ele era muito mais difícil do que para os seus colegas. Geraldo começou a ficar com vergonha. (livro 6) [grifos nossos]

Luana foi para casa na cadeira de rodas e começou a fazer exercícios todos os dias com sua terapeuta, a dona Rosita (livro 10) [grifos nossos]

Ao considerarmos a análise foucaultiana dos séculos XVIII e XIX, sobre a escola como uma instituição disciplinar, sabemos que os termos utilizados por Foucault datam de um outro tempo, que talvez não caracterize o discurso pedagógico da atualidade porém, ao observarmos alguns artefatos pedagógicos que o concretizam, percebemos que este discurso tende a contribuir a um processo de docilização do corpo individual e do corpo social. As enunciações pontuadas acima *fazer treino, estudar mais, estimular, encher o caderno e ficava horas* são entendidas por nós como as forças pelas quais “a disciplina faz crescer a habilidade de cada um, coordena essas habilidades, acelera os movimentos, multiplica a potência” (FOUCAULT, 2014, p. 203).

O discurso da educação atual é pautado numa perspectiva crítica de construção de ideias, de valorização das habilidades pessoais e de aproximação da realidade ao contexto, porém as ações que a escola produz e, faz com que seus alunos esperem dela, são muito próximas àquelas estudadas no poder disciplinar. É importante que enfatizemos aqui que o poder disciplinar, o qual Foucault dedicou-se a estudar, é apenas parte da tecnologia de poder que abriga uma sociedade de normalização que intencionamos problematizar.

Ao analisarmos as enunciações que enfatizam o poder disciplinar ainda presente nas práticas escolares, o fazemos porque entendemos que este poder ao ser exercido pelas diferentes instituições irá reverberar num sujeito mais facilmente capturado pelas estratégias biopolíticas e por isso ainda insistiremos um pouco em aproximar nossas observações aos aspectos disciplinares do poder.

É sabido que o discurso pedagógico inclusivo vigente não aceita mais o “treino” como intervenção didática, porém a ideia enfatizada nas enunciações trazidas acima é de que, a ocupação do sujeito deficiente nos espaços escolares em muito ainda é feita pela repetição de tarefas, muita vezes enfadonhas e sem sentido. O fato das enunciações estarem ditas num material que visa trabalhar em prol do respeito as diferenças, reforça que aceitar o diferente é fazer com que ele realize as mesmas tarefas dos sujeitos entendidos como normais, mesmo

que para isso necessite de uma dedicação maior e mais intensa.

Ao promovermos a repetição de atividades escolares a todos de uma mesma forma como anuncia o fragmento a seguir: “*Geraldo resolveu que ia copiar mesmo com tanta confusão entre as letras, mas logo reparou que para ele era muito mais difícil do que para os seus colegas. Geraldo começou a ficar com vergonha*”, vamos informando e naturalizando a ideia de que todos façam as mesmas tarefas, mesmo que sem sentindo e vamos pontuando que ao não conseguir fazê-la é passível de sentir-se envergonhado.

Ao observarmos os excertos retirados das histórias entendemos que o exercício exaustivo e o estímulo ainda são formas de extrair a força máxima dos alunos. São estas as habilidades ainda trabalhadas, uma realidade que faz com que os sujeitos deficientes, os anormais a serem corrigidos, que num passado não muito distante eram considerados incapazes, hoje sejam capturados pela necessidade de regulação, através de um exercício do corpo individual e do corpo social, de estar o mais próximo possível da inventada normalidade.

Ao trazer a este estudo a forte marca da sociedade disciplinar e a sua articulação com os processos de normalização é nossa intenção enfatizar que “aparece por meio das disciplinas o poder da norma” (FOUCAULT, 2014, p. 180).

Na lógica das narrativas que apontam e delineiam as histórias, percebe-se o empenho dos personagens em aproximar-se cada vez mais da norma e, ao sentirem-se diferentes, como alguém que pode escapar desta média (EWALD, 1993), nota-se um forte empenho em fazer aquilo que é entendido como necessário para ser capturado pelos dispositivos de agenciamento dos comportamentos que ditam a normalidade. É interessante que possamos salientar que “a norma pode ser entendida como um grande guarda-chuva que abriga tudo e todos, classificando-os, hierarquizando-os, dividindo-os em grupos por semelhanças entre si” (SILVA e HENNING, 2014, p.204).

A escola como uma destas instituições que fomentam fortemente o poder da norma disciplinar e de regulação da população no meio social tem sido um local de apontar normalidades e diagnosticar anormalidades.

Considerações finais

A sociedade utiliza-se de meios e estratégias para que de forma muito perspicaz os discursos sociais de normalização sejam reproduzidos pela escola como verdades inquestionáveis. Nesse sentido, desejamos suscitar possibilidades de repensar, como temos contribuído para o sucesso do discurso pedagógico inclusivo, até que ponto podemos romper com ele?

Defendemos que é necessário compreender onde a escola e seus discursos encontram-se dentro do processo social e político para que consigamos enfrentar desafios. Na verdade o que importa-nos aqui são as problematizações em torno do fato da escola traduzir-se em estratégias de normalização das condutas, realizando-as das formas mais sutis e atrativas, como exemplificamos aqui, com livros de literatura infantil.

A escola para avaliar-se como inclusiva ainda precisa muito perceber-se como uma instituição de regulação e de segregação. Integrar os deficientes nos espaços escolares é importante e tem-se feito, mas defender que a todos isso fará bem, pode ser um tanto perverso e fundar-se em práticas moralizantes e regulatórias que em nada significam incluir o outro. É o exercício da “liberdade homeopática” (Veiga Neto, 2014, p.22) que desejamos fomentar com este artigo, jamais para dizer que a inclusão deve ser recriminada, mas tendo-a como uma

realidade, permitimo-nos um movimento de questionar como esse discurso da inclusão vem se reverberando através de estratégias pedagógicas.

Referências

BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

EWALD, François. **Foucault, A Norma e o Direito**. Lisboa: VEJA, 1993.

_____. **Em defesa da sociedade**. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

_____. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Vigiar e Punir: o nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

HONORA, Márcia. **Ciranda das Diferenças**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

SILVA, Gisele Ruiz; HENNING, Paula Corrêa. **Entre leis, decretos e resoluções... A inclusão escolar no jogo neoliberal**. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 843-864, set./dez. 2014. Disponível em: www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd99=pdf&dd1=14715
Acesso em 03 mar. 2017.

VEIGA NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

_____. **Incluir para excluir**. In: LARROSA, Jorge. SKLIAR, Carlos. *Habitantes de Babel: políticas e poética da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.p.105-118.